

## **Redes sociais e a produção de telejornais no cotidiano midiaticizado: o caso “Bom Dia Rio”**

Juliana Dias Ferreira – juli.diasferreira@gmail.com

### **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo analisar as mudanças ocorridas na produção de matérias televisivas sobre violência pública, no contexto social do Rio de Janeiro, com a participação cada vez mais intensa da população via redes sociais. Para tanto, foram escolhidas cinco edições do telejornal “Bom Dia Rio”, da TV Globo, que serão observadas a partir do conceito de midiaticização, que permite uma reflexão sobre essa nova configuração de sociedade, cada vez mais afetada pelas mídias e pelas relações virtuais. Serão igualmente relevantes os conceitos de cotidiano trabalhados por Certeau e Maffesoli, que tratam sobre o ordinário e o banal, já que é nesta esfera que as transformações apontadas vêm ocorrendo.

### **Redes sociais e as transformações na confecção de notícias para a TV**

A popularização dos computadores e do acesso à internet no Brasil, ao longo da década de 90 e início dos anos 2000, resultou em profundas mudanças na nossa sociedade, sobretudo no campo da comunicação social. Posteriormente, com o surgimento das redes sociais, a capacidade para a troca de informações foi potencializada, uma vez que passou a ser muito mais fácil organizar grupos de discussão acerca dos mais diferentes assuntos, compartilhar vídeos e fotos, além de tornar visíveis temas que, de outra forma, não seriam debatidos. Hoje, no Facebook — rede social mais utilizada do mundo, com 2.05 bilhões de usuários ativos mensais, de acordo com o portal de estudos e estatísticas Statista<sup>1</sup> —, as pessoas se empenham ao publicar sobre os temas mais variados, que vão desde uma série específica de TV até a violência pública em determinada cidade ou bairro.

No que concerne à prática jornalística, o cenário de transformações não foi menos intenso e diversos foram os estudos<sup>2</sup> que abordaram qual deveria ser o papel do jornalista frente à enxurrada de materiais disponíveis na *web* e à possibilidade de todos produzirem e publicarem conteúdo. Os meios de comunicação tradicionais incorporaram, então, as facilidades proporcionadas pela internet, de forma que os assuntos debatidos no meio virtual começaram a virar notícia. Para a televisão, particularmente, as redes sociais tiveram uma importância ainda maior pela capacidade de fornecer fotos e vídeos —postados velozmente por usuários “armados” com câmeras de smartphones — que constantemente ilustram suas reportagens.

---

<sup>1</sup> STATISA, 2017. *Facebook Inc. Dominates the Social Media Landscape*. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/5194/active-users-of-social-networks-and-messaging-services/>. Acesso: 12 de agosto de 2018.

<sup>2</sup> (BARSOTTI, 2014), (BOWMAN E WILLIS, 2003), (MORETSON, 2007), entre outros.

É neste contexto, de uma sociedade midiaticizada e na qual produtividade e velocidade são palavras de ordem entre os jornalistas, que esta pesquisa se desenvolve. Tal cenário é bem descrito pelo sociólogo americano Todd Gitlin, que afirma:

A aceleração mais disseminada, mais importante do nosso tempo, é a corrida de imagens – a rapidez com que passam pelo mundo, a rapidez com que dão lugar a outras iguais, o andamento em que se movem. (...) Além disso, a impressão de aceleração das mídias é amplificada pelas próprias mídias, já que a vida de ninguém se acelerou mais nos últimos anos que a da classe veloz que produz imagens para todo o resto – os editores, jornalistas, redatores de publicidade, designers, engenheiros, produtores de noticiários e empresários da internet que, não surpreende, são pressionados por toda aceleração, interconexão, interligação e troca de arquivos cujas novidades levam, excitados, a todo mundo. (GITLIN, 2003, P. 117-118)

Para tentar entender um pouco melhor parte dessas rotinas de produção e avaliar de que forma imagens postadas nas redes sociais, especificamente no Facebook, vêm sendo utilizadas pelos telejornais, uma análise de conteúdo foi realizada em algumas edições do “Bom Dia Rio”. O telejornal é apresentado de segunda a sexta-feira, das 6h00 da manhã até as 7h30, e tem como funções apresentar as notícias da madrugada e do início da manhã e repercutir as principais notícias dos telejornais noturnos<sup>3</sup>. Os editores focam grande parte do jornal na prestação de serviços, com espaço considerável para as condições do trânsito e previsão do tempo.

Na medida em que esta pesquisa foi proposta em junho de 2018, cinco edições do mesmo mês foram sorteados para a análise (dias 08, 12, 20, 27 e 29). Depois de assistir a íntegra de cada uma, foram separadas as matérias em que “imagens de terceiros”, como passaremos a chamar as não produzidas por cinegrafistas profissionais contratados pela TV Globo, apareceram ilustrando os VTs. A partir disso, foi possível fazer uma avaliação da importância dessas fotos e vídeos para a confecção do telejornal e para a noticiabilidade dos acontecimentos em questão.

Uma das primeiras questões comprovadas por esta observação foi que, no contexto social do Rio de Janeiro, as matérias em que mais se emprega vídeos de telespectadores e reprodução de redes sociais são os referentes à segurança pública. Registros de tiroteios estão em quatro dos cinco dias analisados: 08, 12, 20 e 29. A reprodução de fotos de vítimas da violência também aparece em quatro das edições, nos dias 08, 20, 27 e 29, não necessariamente nos mesmos VTs em que os vídeos de tiros são utilizados. Além do fato de que nem sempre as equipes de TV estão no local para flagrar os acontecimentos, um motivo bem óbvio para essa utilização é a segurança dos profissionais, que não são colocadas no meio do fogo cruzado, como se encontra grande parte da população da cidade. A participação de quem mora em áreas de confronto tornou-se, portanto, fundamental.

---

<sup>3</sup> <http://negocios8.redeglobo.com.br/Programas/Paginas/bomdiario.aspx>, acesso em 13/08/2018.

Registros da própria emissora, nos casos de operação policial e tiroteio, são feitos, na maioria das vezes, como foi possível observar, por helicóptero, o que garante em parte segurança para a equipe, pela distância, ângulo com que as imagens são feitas e pela possibilidade de evasão rápida em caso de perigo. Entre as edições destacados aqui, o Globocop, como é batizada a aeronave da Rede Globo, filmou operações policiais em quatro dias diferentes: no dia 08, na comunidade do Batan, em Realengo, na Zona Oeste; no dia 12, na Favela de Acari, na Zona Norte; no dia 20, no morro do Pavão-Pavãozinho, na Zona Sul; e no dia 29, com sobrevoos aos morros do São Carlos e Mineira, no Centro, e ao Complexo da Pedreira, na Zona Norte.

Outra razão que poderia ser apontada para o uso de imagens de terceiros é o número cada vez mais enxuto de profissionais que compõem as redações jornalísticas<sup>4</sup>, que muitas vezes não dão conta de produzir o número necessário de imagens para o fechamento da edição. No entanto, tal suspeita só poderia ser confirmada a partir de uma pesquisa etnográfica nos escritórios ou com a declaração de editores envolvidos no processo. Esses pontos não são contemplados neste trabalho, que é parte de uma pesquisa maior sobre o tema.

### **Do Facebook para a TV: a violência pública na edição do Bom Dia Rio**

Na análise das edições do Bom Dia Rio, ao quantificar as ocasiões em que o material retirado do Facebook com recorte especial da violência pública foi utilizado, outra questão ficou evidente: muitas postagens são aproveitadas, mas em grande parte das vezes o crédito das imagens não é dado corretamente. No primeiro dia sorteado, uma sexta-feira, 8 de junho de 2018, dos 26 assuntos abordados pelo telejornal, pelo menos cinco merecem destaque. O primeiro refere-se à reportagem “Mais um dia de operação em comunidades da Zona Oeste”<sup>5</sup>, que abre a edição, com informações a respeito das ações da intervenção federal no Rio de Janeiro. A repórter Priscila Chagas entra ao vivo de um local onde acontece uma blitz dos agentes e chama imagens do dia anterior, quando teve início a operação. Diversos vídeos de carros do exército, soldados e tanques pelas ruas ilustram a reportagem. Pela qualidade das imagens, fica claro para o telespectador mais atento que foram gravadas com um telefone celular, muitas delas filmadas com o aparelho na vertical. No entanto, nenhum crédito — nem mesmo genérico, como “Reprodução” — é dado a esses vídeos, que claramente não foram produzidos com todo o aparato técnico da Rede Globo.

---

<sup>4</sup> O que pode ser notado com os vários casos de demissões em massa em redações jornalísticas. Os últimos casos mais relevantes foram os do Grupo Abril, que dispensou cerca 800 funcionários, anunciou o fim da operação de 11 títulos, entre revistas e sites, e entrou com um pedido de recuperação judicial e o do Canal Esporte Interativo (IE), que recentemente informou o término de suas atividades, deixando desempregados cerca de 250 profissionais.

<sup>5</sup> Os títulos das reportagens citadas neste trabalho são utilizados da mesma forma que aparecem no site da “Globo Play”, a plataforma de streaming da Rede Globo, na qual os conteúdos encontram-se disponibilizados.

Há duas alternativas possíveis sobre a origem das imagens: a mais provável é a de que foram baixadas ou reproduzidas de páginas e grupos do Facebook ou outra rede social. A segunda é a de que os vídeos tenham sido encaminhados diretamente à redação pelos seus canais de interação com o público, entre os quais o *WhatsApp*. Esta possibilidade, todavia, é menos crível do ponto de vista do estudo uma vez que nos casos em que o público de fato envia uma imagem, o devido crédito é dado. Um exemplo dessa prática pode ser verificado no mesmo dia, na notícia de que um ônibus pegou fogo na Tijuca, na Zona Norte. Inicialmente, o Globocop flagra uma grande fumaça saindo do local e o repórter aéreo Genilson Araújo dá informações sobre o trânsito na região. Mais tarde, a notícia é retomada com um vídeo enviado pela telespectadora Roberta Canelas, no qual é possível ver o veículo em chamas. O crédito não só é dado corretamente como a apresentadora Silvana Ramiro ainda faz um agradecimento pela participação.

Já o VT “Intenso tiroteio assusta moradores do morro do Batan”, segundo assunto abordado no dia, reproduz um vídeo no qual é possível ouvir o som de uma verdadeira guerra na favela carioca. Nesse caso, o crédito é dado para a página do Facebook “Realengo News”. Em uma rápida pesquisa na rede social, várias páginas com o mesmo nome foram encontradas e em nenhuma delas o vídeo em questão aparecia postado. Vale ressaltar, no entanto, a importância do registro para que a informação fosse veiculada, já que era a única forma de ilustrar o confronto. Além dessa imagem, a emissora tinha apenas: o depoimento de um morador legendado no fundo azul, próprio do jornal; um *stand up* da repórter em frente a uma viatura da polícia<sup>6</sup>; imagens de arquivo do posto da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) do Batan; e o imagens aéreas da comunidade feitas pelo Globocop para noticiar a aparente normalização da situação. Portanto, a filmagem atribuída a “Realengo News” é, atrevemos a dizer, a única imagem relevante sobre esse caso, sem a qual provavelmente o conflito não teria chegado ao noticiário.

Na mesma sexta-feira, 08 de junho, a matéria “Mãe de PM morre ao reconhecer corpo do filho assassinado” traz fotos tanto do policial em questão, Douglas Fontes, e da sua mãe, Maria José Fontes. Ambas sem créditos, as fotos foram retiradas dos perfis do Facebook<sup>7</sup> dos dois, que podem ser facilmente encontrados a partir de uma busca pelos nomes. A reportagem ainda utiliza a rede social para ilustrar novamente o assunto, ao reproduzir a “linha do tempo” de Maria e mostrar uma oração que ela havia postado para os filhos. O VT “Em menos de 24 horas, pelo menos quatro mulheres

---

<sup>6</sup> Nessa imagem a repórter Roberta Scherer aparece em primeiro plano falando seu texto jornalístico. Ao fundo, que está fora de foco, é possível identificar apenas um carro de polícia parado e um relógio público e nenhuma pista é dada sobre o local em que a gravação está sendo realizada. Na verdade, Roberta pode ter gravado as informações sobre o Batan, que ilustraram o VT, em qualquer lugar da cidade. Este é um recurso comumente utilizado pelas emissoras de TV que, em geral, passa despercebido pelo público.

<sup>7</sup> Endereço para o perfil do Facebook de Douglas Fontes:

[https://www.facebook.com/douglas.fontes.3194?fref=pb&hc\\_location=friends\\_tab](https://www.facebook.com/douglas.fontes.3194?fref=pb&hc_location=friends_tab), acessado em 16/08/18.

Endereço para o perfil de Maria José Fontes: <https://www.facebook.com/people/Maria-Fontes/100008756148308>, acessado em 16/08/18.

foram baleadas no Rio”, é outro que traz inúmeras fotos de uma das vítimas, Alessandra dos Santos Soares, todas igualmente retiradas de sua página no Facebook<sup>8</sup> e exibidas sem créditos.

Nos demais dias sorteados para a análise, são repetidas as mesmas práticas observadas no dia 8. Em 12 de junho, uma terça-feira, 20 assuntos foram tratados pelo telejornal. A matéria “Polícia prende três pessoas e apreende cinco fuzis em barco na Baía de Guanabara” relembra os confrontos que haviam ocorrido no fim de semana anterior e utiliza diversos vídeos feitos com aparelhos de celular, alguns atribuídos à página OTT-RJ e outros sem créditos. No dia 20 de junho, uma quarta-feira, a reportagem “Funcionários de Clínica da Família ficam no meio de um tiroteio”, fala sobre trocas de tiros em quatro comunidades do Rio de Janeiro. Ela exhibe vídeos com o crédito “enviados por telespectadores”, alguns sem crédito e usa fotos de vítimas. Em outro vídeo dentro do mesmo VT, a repórter alerta que “nas redes sociais, traficantes postaram um vídeo com muitas armas” para justificar as imagens.

No dia 27 de junho, quarta-feira, a reportagem “Amigos fazem homenagem a estudante morto na Vila Vintém”, exhibe fotos do Facebook do adolescente Guilherme Pereira Natal, 14 anos, assassinado na favela, e imagens da página de Marcos Vinícius da Silva, que tinha a mesma idade e foi morto na Maré. Assim como ocorreu no dia 20, no dia 29, sexta-feira, o VT “Policial é morto no Morro dos Macacos” também traz “imagens enviadas por telespectadores”, vídeos sem crédito e fotos retiradas de perfis de Facebook. O uso de imagens de terceiros em todas as reportagens citadas aqui demonstra que as redes sociais, em especial o Facebook, em função da característica de facilitar o compartilhamento de imagens e conteúdo relevante, já se tornaram ferramenta de suma importância para a transmissão de informações, capazes de influenciar até mesmo os jornalísticos das mídias tradicionais.

### **Narrativas do cotidiano: o incentivo à participação dos “homens ordinários”**

Para além dos VTs analisados, chamou a atenção em todas as edições o grande incentivo à participação dos telespectadores. Diversas vezes, ao chamar o intervalo comercial, ao dar matérias de denúncia e durante o quadro “Radar RJ”, os apresentadores Flávio Fachel e Silvana Ramiro repetem o número de *WhatsApp* do telejornal para que as pessoas “mandem seus vídeos” e suas “reclamações”. Tal insistência, por si só, já comprova em parte a relevância do compartilhamento de imagens para o fechamento das edições.

Esse interesse pelas visões de mundo e pelo cotidiano dos ditos “homens comuns” nos remete aos escritos de Certeau, que se concentram na “riqueza da palavra de pessoas ordinárias, por menos que alguém se dê ao trabalho de escutá-las e encorajá-las a exprimir-se” (CERTEAU, 1998, p.27). A

---

<sup>8</sup> Endereço para o perfil de Alessandra dos Santos Soares: <https://www.facebook.com/alessandra.soares.370177>, acessado em 16/08/2018

analogia aqui é feita com o telespectador, que seria essa figura “ordinária”, esse “herói anônimo”<sup>9</sup>, que passou então a se apropriar de espaços oferecidos nas redes sociais, publicando conteúdos de forma criativa, segundo suas próprias “maneiras de fazer”. De acordo com o pensador francês, essa prática se traduz como “operações quase microbianas que proliferam no seio de estruturas tecnocráticas e alteram seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do cotidiano” (IDEM, p.41).

Publicar vídeos de tiroteios e denúncias passou a ser, então, uma das “táticas” — que, segundo Ceartau, demonstram “a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula” (IDEM, p. 47) — utilizadas por essas pessoas para lidar com a violência a que são submetidas no dia-a-dia. Ao empregá-las, os telespectadores evidenciam problemas que os afligem em um telejornal de grande alcance e, de certa forma, conseguem obter resultados, já que as autoridades são obrigatoriamente convocadas pelos jornalistas a darem uma resposta e a apresentarem o seu lado dos fatos. Uma vez que garantam imagens e informações julgadas como relevantes, esses “homens ordinários” são cada vez mais encorajados pelas mídias tradicionais a exprimir-se.

Outro estudioso que dialoga com essas ideias é o sociólogo Michel Maffesoli, que afirma existir um conhecimento empírico cotidiano que não deve ser dispensado e defende valorização do que é considerado banal e da “vida sem qualidades”: “De tanto nos interrogarmos sobre a sociedade ou sobre os elementos puramente racionais, intencionais ou econômicos que a constituem, terminamos por deixar de lado a socialidade, essa espécie de empatia comunalizada” (MAFFESOLI, 2010, p. 198). Para ele, é fundamental que se observe o “pluralismo societal”, que seria exatamente a existência do heterogêneo e das tensões entre sistemas, responsáveis por “imprimir um cunho particular à vida das sociedades” (IDEM, P.221).

O pluralismo abordado por Maffesoli ganha contornos quando os telejornais passam a dar voz – mesmo que de forma a obedecer a interesses empresariais – a espectadores de variadas classes sociais, níveis de escolaridade e que ocupam espaços diferentes da cidade. Na edição do “Bom Dia Rio” de 8 de junho, por exemplo, da mesma forma em que há um VT de três minutos no qual médicos, advogados e administradores contam os preparativos da viagem que farão para acompanhar *in loco* a Copa do Mundo da Rússia, também é noticiado que moradores do Morro do Batan acordaram com barulho de tiros e alguns precisaram deixar suas casas. Outra matéria também com três minutos de duração mostra a dor da família de Alessandra dos Santos Soares, que morreu na frente das filhas ao ser atingida por uma por uma bala perdida dentro de sua casa no Morro da Coroa, Zona Norte. A mesma matéria fala ainda sobre outros três casos de mulheres vítimas da violência.

---

<sup>9</sup> Citado na obra “A invenção do Cotidiano: artes de fazer” (1998, p.57).

Portanto, o que se pretende aqui é frisar a noção de que o acesso de uma maior fatia da população a *smartphones* e a novas tecnologias de forma geral, impulsionado pela possibilidade oferecida pelas redes sociais de tornar públicos determinados conteúdos, fez com que diferentes narrativas ganhassem espaço na mídia, permitindo uma compreensão maior da pluralidade existente na sociedade da qual fazemos parte.

### **Uma nova forma de sociedade: midiática e redes sociais**

Um subsídio teórico importante para nos ajudar a compreender o cenário demonstrado neste trabalho é o conceito de *bios midiático*, apresentada por Sodré (2006), em referência a Aristóteles, que concebia três formas de existência humana (*bios*): a *bios theoretikos* (vida contemplativa), a *bios politikos* (vida política) e a *bios apolaustikos* (vida prazerosa). O quarto *bios*, ou *bios midiático*, refletiria sobre essa nova forma de sociedade, o “novo modo de presença do sujeito no mundo”<sup>10</sup>, em que pessoas trilham não somente um caminho físico, mas o que seria um “solo da informação”<sup>11</sup>. Para o autor, é central entender de que forma o *bios midiático*:

[...] atua em termos de influência ou poder na construção da realidade social (moldagem de percepções, afetos, significações, costumes e produção de efeitos políticos) desde a mídia tradicional até a novíssima, baseada na interação em tempo real e na possibilidade de criação de espaços artificiais ou virtuais”. (SODRÉ, 2006, p. 22)

Nessa sociedade, tal como descrita por Sodré, obter visibilidade para problemas como a violência urbana, mostrando-os nos telejornais, faz com que, de fato, eles se tornem parte da realidade social construída pelos meios de comunicação. O poder das mídias de “definir a ‘agenda’ da atenção do público”<sup>12</sup>, estabelecendo os principais assuntos a serem discutidos no meio político, social e cultural, nos remete aos estudos iniciados em 1967 por Maxwell McCombs e Don Shaw na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, que deram origem à Teoria da Agenda. Hoje, é como se as pessoas tivessem percebido o poder dos meios de comunicação e passado a tentar fazer com que parte dessa “atenção do público” seja voltada para as adversidades que enfrentam.

O conceito de midiática também pode ser pensado neste contexto, já que “ela denota processos pelos quais a cultura e a sociedade tornam-se cada vez mais dependentes dos meios de comunicação e sua lógica como mídia integra-se em práticas culturais e sociais em vários níveis” (HJARVARD, 2014, p. 26). Outro autor que trabalha com o termo é Andreas Hepp, que conceitua midiática como “o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança

---

<sup>10</sup> Fragmento da entrevista dada por Muniz Sodré, ao programa “Trilha de Letras”, exibido pela TV Brasil no dia 28/09/2017. Em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/trilha-de-letras/2017/09/professor-muniz-sodre-explica-o-que-e-bios-midiatico>, acesso em: 19/08/2018.

<sup>11</sup> Idem a referência de nº8, mostrada acima.

<sup>12</sup> (MCCOMBS, 2009, p. 8).

da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de maneira crítica” (HEPP, 2014, p.51).

A partir de então, é fácil entender a importância que as redes sociais ganharam, já que se tornaram a principal ferramenta das pessoas para a publicização do que antes integraria apenas a esfera do privado. Com a pretensão de expor problemas e conseguir pressionar o poder público para a resolução, o telespectador midiaticado compartilha seus conteúdos e divide suas experiências. Tornou-se, então, um costume nessa nova forma de sociedade pegar o celular e fazer vídeos de denúncia ao menor sinal de perturbação. Tal característica é estimulada pelos meios de comunicação tradicionais que enxergam no compartilhamento desses textos e imagens uma fonte de informações sem precedentes. Pode-se verificar, nesse caso, a dupla mudança sugerida pelos autores: nas formas de produção das mídias quanto no comportamento sociocultural dos incluídos no processo.

### **Conclusão**

Na atual sociedade midiaticada, marcada pelo acesso cada vez mais significativo a tecnologias móveis, a forma como o sujeito se posiciona perante o mundo e também na maneira de funcionamento dos meios de comunicação de massa foi intensamente transformada. A capacidade das mídias de promover mudanças na realidade social penetrou a consciência dos indivíduos, que se esforçam para obter cada vez mais visibilidade para suas dificuldades. As redes sociais, com destaque para o Facebook, devido à sua popularidade, tornaram-se ferramentas relevantes para uma certa forma de luta por melhores condições de vida.

As redações jornalísticas, por sua vez, já saturadas de trabalho e operando com equipes cada vez menores, também encontraram nas redes uma saída: um instrumento veloz capaz de fornecer dados, fotos e vídeos para ajudar a abastecer seus periódicos. Além disso, os relatos dos “homens ordinários” ganharam espaço significativo e evidenciaram assuntos referentes a lugares que anteriormente tinham menos visibilidade, o que, conseqüentemente, tornou a narrativa da grande mídia um pouco mais plural.

A análise das cinco edições sorteadas do telejornal Bom Dia Rio permitiu comprovar a importância dos vídeos e fotos retirados do Facebook para ilustrar as reportagens de TV. Sem eles, a notícia ficaria prejudicada ou, em alguns casos, seria inexistente. Não é precipitado afirmar que, tratando-se do tema violência pública, principal situação em que imagens de terceiros são empregadas — ao menos no contexto de uma cidade como o Rio de Janeiro, que passa por um processo de intervenção federal<sup>13</sup> — a possibilidade de compartilhamento oferecida pelas redes sociais causou mudanças profundas no fazer jornalístico e na realidade social da qual fazemos parte.

---

<sup>13</sup> Instituída por meio do Decreto n.º 9.288, de 16 de fevereiro de 2018, com o objetivo de amenizar o "grave comprometimento da ordem pública no Estado do Rio de Janeiro". Fonte:

## **Bibliografia**

BARSOTTI, Adriana. Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador da audiência. **E-Compós**, v. 17, n. 1, jan. /abr. 2014. p. 1-20.

---

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2018/decreto-9288-16-fevereiro-2018-786175-publicacaooriginal-154875-pe.html>, acesso em 20/08/2018.

BOWMAN, Shayne e WILLIS, Chris. **We Media. How audiences are shaping the future of news and information.** Stanford: The Media Center at The American Press Institute, 2003. Disponível em: [http://www.hypergene.net/wemedia/download/we\\_media.pdf](http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf). Acesso em: 12 de ago. 2018.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limites. Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”.** São Paulo: Revista Matrizes, v.8, n.1, p. 45-64, 2014.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural.** São Paulo: Revista Matrizes, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014, p. 21-44.

MAFFESOLI, Michel. **“Epistemologia do Cotidiano”.** In: O Conhecimento Comum – Introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Eticidade, campo comunicacional e mediação.** In: MORAES, Dênis de (org). Sociedade mediática. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

STATISA, 2017. *Facebook Inc. Dominates the Social Media Landscape.* Disponível em: <https://www.statista.com/chart/5194/active-users-of-social-networks-and-messaging-services/>. Acesso em: 13 de ago. 2018.

## Vídeos

BOM DIA RIO: Edição do dia 08/06/2018. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6795214/programa/?s=04m44s>. Acesso em: 14/08/2018.

BOM DIA RIO: Edição do dia 12/06/2018. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6803387/programa/>. Acesso em: 14/08/2018.

BOM DIA RIO: Edição do dia 20/06/2018. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6820869/programa/?s=33m23s>. Acesso em: 15/08/2018.

BOM DIA RIO: Edição do dia 27/06/2018. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6835444/programa/>. Acesso em: 15/08/2018.

BOM DIA RIO: Edição do dia 29/06/2018. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6840035/programa/?s=31m50s>. Acesso em: 17/08/2018.

TRILHA DE LETRAS. Professor Muniz Sodré explica o que é "bios midiático". TV Brasil. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/trilha-de-letras/2017/09/professor-muniz-sodre-explica-o-que-e-bios-midiatico>. Acesso em: 10/08/2018

